

COMO SE FOSSE A NOITE,CÊ VÊ TUDO PRETO’’: A INTELECTUALIDADE DA QUEBRADA PARA A CONSTRUÇÃO IDENTITÁRIA NAS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS.

Barbarah Forte Alves

Graduanda do curso de pedagogia pela Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, Ceará,
Brasil e-mail barbarah.alves@aluno.uece.br

INTRODUÇÃO:

Historicamente, os direitos de expressão do povo negro foi negado, assim como, suas vestes, culturas e opiniões como um todo, assim como o rap a fotografia são artes que expressam sentimentos e verdade que muitas vezes não são ditas servindo como instrumento de denuncia social, e é exatamente nesse contexto no qual o trabalho se enquadra, buscando por elucidar todas essas denuncias vividas pelas comunidades perifericas através da expressão do rap e das imagens, fortalecendo as belezas negras e uma educação para além da educação formal.

Inicialmente necessitamos discutir sobre os impactos do racismo estrutural nasce do sistema escravista. Sendo no Brasil e nas Américas, milhões de africanos escravizados por mais de 300 anos esse processo não foi só econômico, mas também ideológico pois criaram-se discursos que justificavam a escravidão, como a ideia de inferioridade do negro e a superioridade do branco. Pós-abolição em 1888 o Estado incentivou a imigração europeia com objetivo de “branquear” a população presente nos territórios criando assim uma base histórica para o que chamamos de racismo estrutural: a desigualdade foi organizada desde o início da república.

Como cita Sueli carneiro em sua obra Dispositivo de racialidade: A construção do outro como não-ser como fundamento do ser (2023) ao destacar que o racismo opera não só através de leis explícitas ou ações individuais, mas como uma rede de normas sociais, discursos, práticas institucionais que naturalizam a posição inferior do negro e coloca o branco como paradigma.

O objeto de estudo, deste presente trabalho é então a música e a fotografia como aspectos primordiais, pois é através delas que podemos efetivar esse lugar de protagonismo negro como estrutura relevante para a autoestima e identidade negra, construindo aspectos para a concretização de uma educação antirracista. Sendo assim efetivando-se a imagem negra como movimento de resistência, indo além das divulgações de violência e segregação no qual são submetidos historicamente pela imprensa, expressando o outro lado da história, e esses ‘intelectuais da quebrada’ especificamente simboliza tantos outros agentes sociais importantes dentro das comunidade urbanas, buscando trazer a população negra para a centralidade tornando os protagonistas sociais e não mais para esse espaço de segregação.

No campo das artes, destacamos neste trabalho a importante função da fotografia como instrumento de transformação, memória que por muitas vezes foi apagada e afirmação cultural além de contribuir para a valorização da diversidade do ser, como esse mecanismo de empoderamento e reconhecimento da beleza negra e suas diferentes formas, podendo então, discutir a importância dessa ferramenta para a construção efetiva da autoestima de crianças e jovens das nossas periferias através da música e da imagem para a efetivação de uma escola antirracista. Apoiada por uma grande referência do autor Abdias do Nascimento em 1944, buscou valorizar a cultura afro-brasileira por meio da educação e da arte, na qual defendia que “priorizar a valorização da personalidade e cultura específicas ao negro como caminho de combate ao racismo”.

O presente trabalho tem como objetivo, a partir da análise de uma letra de RAP e das fotografias da artista e fotógrafa cearense Beatriz Souza, de Fortaleza, promover o debate sobre os povos negros, sua cultura e identidade. Busca-se destacar essa artista, aqui denominada como “intelectual da quebrada” que simboliza tantos outros sujeitos que são fontes de conhecimento e agentes importantes na construção da identidade negra. Valoriza-se, nesse contexto, as periferias urbanas, seus povos e práticas, entendendo-as como ferramentas pedagógicas de representação significativa. O embasamento teórico fundamenta-se nos conceitos de intelectualidade de Bárbara Carine e nas contribuições de Sueli Carneiro e Djamila Ribeiro, que apontam a urgência da incorporação do antirracismo e da valorização da diversidade como pilares da prática pedagógica. Defende-se um conceito ampliado de intelectualidade, que não se restringe ao ambiente acadêmico e escolar formal, mas que está vinculado à educação, especialmente à educação das relações étnico-raciais, como um direito

historicamente negado ao povo negro. Esta pesquisa caracteriza-se como qualitativa, de natureza exploratória e com abordagem teórico-interpretativa.

METODOLOGIA:

Esta pesquisa caracteriza-se como qualitativa, de natureza exploratória e com abordagem teórico-interpretativa. A pesquisa parte de uma análise de uma letra de RAP do rapper Djonga que, ao afirmar “como se fosse a noite cê vê tudo preto”, busca evidenciar a presença e a centralidade da população negra, rompendo com a perspectiva excludente que, cotidianamente, nega aos negros o papel de protagonistas sociais. Paralelamente, as fotografias produzidas por Beatriz Souza, fotógrafa de Fortaleza, foram utilizadas como ferramenta de valorização da estética, da cultura negra e de seus sujeitos, evidenciando as vivências na comunidade e destacando a importância da interação e do reconhecimento dos povos negros em suas dimensões sociais, culturais e identitárias. Esta pesquisa busca contribuir para o fortalecimento da identidade de crianças, jovens e adultos de comunidades frequentemente invisibilizadas, que, por meio desses mecanismos, passam a reconhecer sua cor, sua cultura e sua comunidade sendo representadas como deveriam.

Partindo a partir do ponto trabalhado pela escritoras Barbara Carine ao se tratar em seu livro intitulado: “ E eu,não sou uma intelectual?” que fundamentam o seguinte trabalho,ela trata em seu livros diferentes conceitos sobre intelectualidade, um deles a mesma chamou de intelecpluralidade na qual definiu da seguinte forma a explicitar a existência de múltiplas formas de inteligência, saber e produção de conhecimento, e que nenhuma delas deve ser vista como superior às outras.

A intelecpluralidade pode ser lida também como um manifesto de resistencia, sem a pretensão de teoria,mas com a finalidade de gerar contraposição e oferecer resistência epistêmica e existencial á perspectiva monocultural do / da intelectual, esta que centraliza a intelectualidade no homem branco cis,que segmenta e hierarquiza corpo e mente e que impossibilita a pluriversalidade da vida e, portanto, a produção dos conhecimentos dentro dessa perspectiva. p. 91 e 92

Para iniciar nossa análise,iremos discutir como dito anteriormente a importante relevância intelectual que se tem a música e as fotografias. o primeiro passo foi então selecionar algumas das fotos do acervo disposto pela a artista Beatriz de Souza na qual retratava o dia dia, a cultura, a rua e a diversidades encontradas,vinculando assim o pertencimento e a efetividade da cultura e da arte como mecanismo educativo.

ANÁLISES

E

DISCUSSÕES

:

Quando ouvimos do rap: "COMO SE FOSSE A NOITE,CÊ VÊ TUDO PRETO", buscamos por fortalecer a importância dessa representatividade negra nos diversos espaços, e é por isso que abrimos o espaço para falar do conceito pensado para esse trabalho das "intelectualidade da quebrada", segundo o conceito estabelecido pela autora base do trabalho, Barbara Carine no qual ela defende uma perspectiva pluriversal de intelectualidade, que desafia os padrões universais da academia ocidental, propondo uma intelectualidade emancipada, inclusiva, que rompe com o modelo único imposto pela ótica brancocêntrica e acolhe pessoas marginalizadas pelas instituições acadêmicas.

É esse contexto de marginalização que buscamos romper, trazendo através da valorização da estética negra, evidenciando suas vivências e a importância da interação social para a construção de uma identidade negra efetiva, aliadas para a construção de uma educação etnico-racial através das fotografias produzidas em uma comunidade do Quintino Cunha na cidade de Fortaleza-CE buscando evidenciar identidade, memória e visibilidade. Segundo Carneiro (2023), os dispositivos de racialidade institucionalizam a branquitude como norma e promovem o epistemicídio, ou seja, a negação do sujeito negro enquanto produtor de conhecimento, o que evidencia a urgência de práticas pedagógicas que valorizem a pluralidade de saberes e combatam estruturas racistas presentes no currículo escolar.

Assim como trata Djamila em seu livro O PEQUENO MANUAL ANTIRRASCISTA ao destacar:

Não é realista esperar que um grupo racial domine toda a produção do saber e seja a única referência estética. Por causa disso, a população negra criou estratégias ao longo de sua história para superar essa marginalização. O conhecido movimento Panteras Negras, lutando pela emancipação do povo negro, tinha também em suas bases a valorização da estética negra. Kathleen Cleaver, uma das lideranças do movimento, aponta para a importância de que pessoas negras quebrem com a visão de que somente pessoas brancas são bonitas, valorizando o cabelo natural e as características típicas do povo negro e criando para ele uma nova consciência. (2019, pág 59.)



REALIZAÇÃO:



UECE



AINPGP

E essa nova consciência se dá através da vivência e da continuidade pela busca de promover e desenvolver nesses indivíduos uma educação embasada nas relações de si como sujeito e a importância disso como objeto de consciência e formação crítica. E os mecanismos primordiais de acesso a esses saberes são tanto a música quando a internet e seus meios de propagação de informação e imagem, por isso trazemos o papel do rap no qual é conhecido como um movimento que transforma a palavra em denúncia e/ou apelo, trazendo um lugar de fala pouco visto pelas comunidades no geral, como forma de expressão e resistência sobre aquilo que precisa ser ouvido, na letra do rapper Djonga ele trás o povo negro para o seu lugar de protagonismo e ascensão como “reis e rainhas”, assim como também nas imagens tiradas por Bia Souza que busca evidenciar o cenário das comunidades e dos povos dessa comunidade (re)afirmando e os fazendo (re)existir através da divulgação em canais como a música, internet entre outros, (re)afirmando essa beleza negra como importante para efetivação da identidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS:

Diante do exposto a pesquisa parte de uma análise importante de uma letra de RAP do rapper Djonga que, ao afirmar “como se fosse a noite cê vê tudo preto”, busca evidenciar a presença e a centralidade da população negra, rompendo com a perspectiva excludente que, cotidianamente, nega aos negros o papel de protagonistas sociais. Paralelamente, as fotografias produzidas por Beatriz Sousa, fotógrafa de Fortaleza, foram utilizadas como ferramenta de valorização da estética, da cultura negra e de seus sujeitos, evidenciando as vivências na comunidade e destacando a importância da interação e do reconhecimento dos povos negros em suas dimensões sociais, culturais e identitárias.

Esta pesquisa contribui para o fortalecimento da identidade de crianças, jovens e adultos de comunidades frequentemente invisibilizadas, que, por meio dos estudos, passam a reconhecer sua cor, sua cultura e sua comunidade sendo representadas como deveriam. Assim, promove-se a autoestima e garante-se o acesso a possibilidades historicamente negadas desde a formação dessas comunidades. A voz, hoje, é transmitida por meio das fotografias, dos estudos e, principalmente, pela própria comunidade, que retoma sua narrativa em cada uma dessas produções.

REFERÊNCIAS:

LIVROS

CARNEIRO, Sueli. *Dispositivo de racialidade*. São Paulo: Jandaíra, 2023.

CARINE, Bárbara. *E eu, não sou uma intelectual?*. Salvador: Editora Ogum's Toques Negros, 2021.0

NASCIMENTO, Abdias. *O genocídio do negro brasileiro*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978. [Texto de referência à atuação desde 1944].

RIBEIRO, Djamila. *Pequeno manual antirracista*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

MÚSICA

DJONGA. *O mundo é nosso*. Belo Horizonte: Ceia Ent., 2017. Disponível em:

<https://open.spotify.com/>.

e

https://www.youtube.com/watch?v=00Aq3n8SIMU&list=RD00Aq3n8SIMU&start_radio=1

OBRA

ARTÍSTICA

/

FOTOGRAFIA

SOUZA, Beatriz. [Fotografias]. FORTALEZA CE, 2022-2025.



REALIZAÇÃO:



UECE



AINPGP